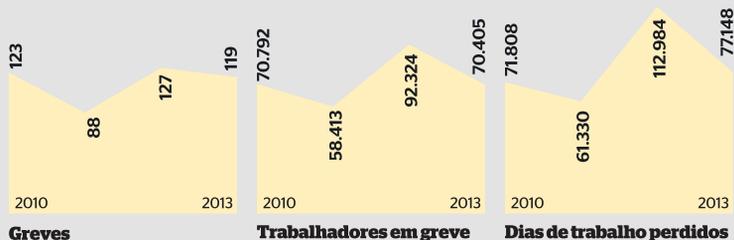


Quase 90% das reivindicações dos trabalhadores em greve são rejeitadas

Poucas são as reivindicações dos trabalhadores em greve que acabam por ser aceites. Esta é uma das conclusões dos dados do Ministério da Economia, que permitem analisar os números das greves em 2013. E também Manuel Carvalho da Silva, investigador e antigo líder da CGTP, admite que as paralisações não trazem os resultados esperados: "Nem trazem as greves, nem trazem nenhuma expressão dos actos democráticos, o voto também não traz respostas positivas às pessoas", afirma (ver entrevista). No ano passado, os trabalhadores do Continente fi-

zeram 119 greves, mas 88,1% das reivindicações foram rejeitadas, indicam os dados do Gabinete de Estratégia e Estudos, que abrangem as entidades empregadoras abrangidas pelo Código do Trabalho (exclui funcionários públicos). As paralisações contaram com a participação de 70,4 mil pessoas e originaram a perda de mais de 77 mil dias de trabalho, já que, em média, cada trabalhador fez greve durante 1,1 dias. Ainda assim, a contestação social foi mais visível em 2012, ano que contabilizou 127 greves. ■

Evolução dos números (unidades)



93

Greves de empresa (2013)

26

Greves de pluriempresa (envolvendo várias entidades empregadoras) (2013)

935

Empresas com trabalhadores em greve (2013)

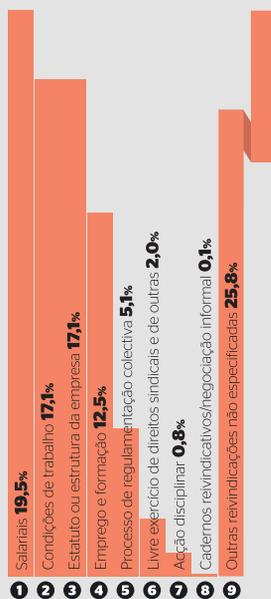
3.317

Estabelecimentos com trabalhadores em greve (2013)



Reivindicações dos trabalhadores (2013)

Distribuição das reivindicações



Resultados das greves TOTAL



REIVINDICAÇÕES

	Totalmente aceites	Parcialmente aceites	Recusadas
1	1,2%	12,6%	86,2%
2	1,3%	15,2%	83,5%
3		2,8%	97,2%
4	0,8%	4,2%	95,0%
5	0,2%	11,6%	88,2%
6	8,5%	24,5%	67,0%
7		30,3%	69,7%
8		14,3%	85,7%
9	6,4%	8,2%	85,5%

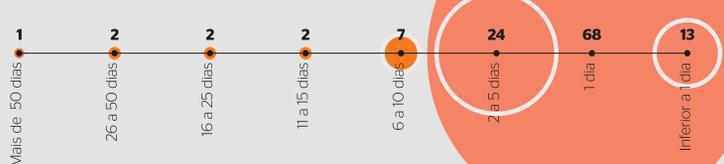


Greves por actividade económica

Principais sectores de actividade económica em que os trabalhadores fizeram greve em 2013.

Sector	Greves	Trabalhadores
Transportes e armazenagem	62	31.375
Indústrias transformadoras	34	12.309
Comércio por grosso e a retalho; reparação de automóveis e motociclos	12	1.788
Actividades administrativas e dos serviços de apoio	10	1.422
Actividades de saúde humana e apoio social	10	17.135
TOTAL	119	70.405

Duração das greves (número)



Nota: A informação refere-se ao Continente e provém dos avisos prévios de greve e dos dados do Relatório Único, que abarca as empresas com trabalhadores abrangidos pelo Código do Trabalho (exclui a função pública).

Fonte: Gabinete de Estratégia e Estudos, Ministério da Economia

Infografia: Marta Carvalho | marta.carvalho@economico.pt

SÊTE PERGUNTAS A...



MANUEL CARVALHO DA SILVA

Investigador e antigo secretário-geral da CGTP

"Cada ano que passa é um ano de maior subjugação"

O investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra diz que a democracia está atrofiada e que, a cada ano que passa, aumenta a subjugação.

Os dados indicam que as reivindicações dos trabalhadores em greve são pouco acolhidas. As greves não trazem resultados?

Nem trazem as greves nem trazem nenhuma expressão dos actos democráticos, o voto também não traz respostas positivas às pessoas.

Isso quer dizer que não vale a pena fazer greve?

Quer dizer que a democracia está a ser absolutamente atrofiada. Está dominada pelo poder que se impõe, que é o dos mercados financeiros.

Se a greve não traz resultados, o que é que os trabalhadores podem fazer para que as suas reivindicações sejam aceites?

Os trabalhadores como o povo... é por isso que nos equacionamos para que é que vale o voto. São os grandes desafios do tempo em que estamos: o que é que se faz para que a democracia não morra. Não há possibilidade de falar dos trabalhadores em específico, não há umas regras para os trabalhadores e outras para a sociedade...

Mas há alguma coisa que se possa fazer?

Há, revitalizar a democracia, as gestões das empresas, privadas ou públicas, terem que responder em função do objectivo para que estão es-

truturadas, os governos terem de responder para servir as condições de vida e os anseios dos povos que governam. Há muita coisa a fazer.

Em 2013, houve menos greves do que em 2012. Houve menos razões para a conflitualidade?

É um ano de mais subjugação. Cada ano que passa é um ano, em Portugal como na maior parte dos países, de maior subjugação. É sempre assim quando as sociedades estão em retrocesso, até ao momento em que começa a haver factores de esperança, projectos alternativos, e as coisas mudam. O povo, incluindo os trabalhadores, estão cada vez mais atrofiados nas suas condições de vida.

Há outros instrumentos, além da

greve, para reivindicar direitos?

Se a política está submetida ao poder da especulação e ao poder financeiro não há muito a fazer. Temos é de encontrar caminhos em que não continuemos submetidos à especulação e à mentira.

Esteve à frente de muitas greves...

Sim, em contexto totalmente diferentes. Nos últimos dois séculos, as lutas dos trabalhadores no nosso país, como no plano mundial, foram de certeza um dos impulsos maiores do desenvolvimento das sociedades. Hoje, a manipulação e a mentira na acção política são maiores do que eram há dez, 20 ou 30 anos atrás. Incomparavelmente. **C.O.S.**